

# Kpedermy, um sobrevivente que ajuda a salvar órfãos do ébola

**Imunes.** UNICEF teve de reinventar os seus procedimentos para atuar nos países afetados pelo vírus. Na Libéria, sobreviventes foram treinados para cuidar de crianças em quarentena

PEDRO SOUSA TAVARES

Quando finalmente deixou o centro de internamento em Monróvia, na Libéria, Kpedermy Meinu, de 30 anos, tinha ultrapassado uma batalha que a maioria dos doentes tem perdido na sua terra. Era um dos 1960 sobreviventes, entre 4665 casos de ébola contabilizados, no país que mais tem sofrido com o pior surto da doença na história. Mas a receção que teve, à saída, não foi exatamente a de um herói.

“Como sobreviventes, estamos estigmatizados na comunidade. As pessoas rejeitam-nos”, conta Kpedermy ao DN, através do Skype. “Quando tive alta e quis voltar para casa, fui rejeitado na minha comunidade. E fiquei sem saber o que fazer.” Nem todos se afastaram. Ironicamente, o seu historial clínico, que tanto assustava a comunidade onde crescera, era exatamente o que a UNICEF procurava. Esta entidade da ONU tinha encontrado um obstáculo complexo na Libéria, na Serra Leoa e na Guiné: tal como todos os que têm contacto com os doentes, as crianças deixadas órfãs pela morte dos pais tinham de ser sujeitas ao rigoroso isolamento de 21 dias, para despistar a doença. Mas continuavam a precisar de cuidados, de carinho e da atenção dos adultos. Recrutar assistentes sociais significaria pôr em risco outras vidas. Precisavam de voluntários intocáveis. E, então, alguém se lembrou de que eles já existiam: “Quando alguém sobrevive ao ébola já não o pode passar a outros nem voltar a apanhar”, lembra Kpedermy.

A solução, imaginativa, começou a desenhar-se há algumas semanas na Libéria. Kpedermy e outros 20 sobreviventes ao ébola receberam treino específico para se transformar em cuidadores. Hoje,

trabalha no centro de acolhimento criado para os órfãos. E já não tem dúvidas sobre a missão que a nova vida lhe reservou: “No centro, sentimos que nós próprios contribuimos para a sociedade. Estamos a contribuir para erradicar o vírus. Podemos provar que todos podem ser salvos.”

## A informação que pode salvar

Laurent Duveillier, especialista de comunicações da UNICEF para África, também está no terreno, na Libéria. Aliás, tem acompanhado o surto a par e passo, desde o aparecimento dos primeiros casos, na Guiné. E diz que nunca encontrou um desafio igual. “Já vivi muitos conflitos, desastres naturais, e nunca vi nada como isto”, diz. “Porque tudo o que costumávamos fazer nestas situações não podemos fazer aqui. Em calamidades, quando temos crianças que perdem os pais, distribuimos meios, contratamos assistentes sociais, organizamos a educação. Isso é relativamente fácil de fazer. Mas aqui não é possível.”

Os problemas não acabam na primeira intervenção junto das crianças doentes ou em isolamento. Mesmo quando recuperam, devolvê-las à comunidade é um desafio tão grande como o que os adultos enfrentam. Com a agravante de não serem autónomas.

“Geralmente procuramos as famílias alargadas: avós, tios, que as acolhem sempre”, conta Laurent. “Mas, devido ao medo da doença, há famílias que as recusam ou então acabam por rejeitá-las. Chegamos crianças subnutridas porque as pessoas têm medo de as alimentar ou então nem sequer lhes aceitam o dinheiro quando vão à rua comprar comida.”

As crianças, lembra, até têm revelado grande resiliência face ao

surto do ébola, que tem vitimado sobretudo adultos entre os 25 e os 34 anos: “Elas representam um em cada cinco casos. Não podemos dizer que seja um dos grupos mais afetados”, admite. No entanto, considera, as mulheres e as crianças “são as mais ameaçadas pela segunda vaga” da doença: os seus efeitos colaterais.

“As campanhas de vacinação pararam porque se deve evitar aglomerados de pessoas. Por isso, há crianças em risco de contrair outras doenças que poderiam ser prevenidas. As consultas de gravidez baixaram drasticamente porque as mulheres têm medo de ir aos centros de saúde.”

Laurent compreende o clima de terror: “Estas pessoas já passaram por problemas graves no passado, como a guerra. E o que nos dizem é que isto é pior. Na guerra, sabemos quando vem o inimigo, podemos esconder-nos atrás de uma parede. Aqui não o vemos chegar.” Mas contrariar o receio irracional e também o seu oposto – a rejeição da existência da doença e a ausência de cuidados preventivos – tem sido parte essencial da missão da UNICEF.

Nos últimos meses, além de fornecer meios médicos e alimentares (*ver texto em baixo*), a organização tem canalizado milhões de euros para campanhas de sensibilização nas televisões e nas rádios, em articulação com as autoridades. Dezenas de milhares de voluntários foram treinados nos três países mais afetados, e noutros estados vizinhos, para fazer campanhas porta-a-porta.

Uma ideia recente, em estudo para a Serra Leoa, Libéria e Guiné, é o ensino à distância: “As escolas também estão fechadas. E ocor-

reu-nos aproveitar o facto de em África muita gente ter telemóveis simples mas com rádio. As crianças poderiam ir aprendendo e também receber algumas mensagens de prevenção importantes para transmitir às famílias, como a lavagem frequente das mãos. Seriam, também elas, as nossas voluntárias.”

## “A verdadeira luta está a ter lugar aqui”

**COOPERAÇÃO** Desde o início do atual surto de ébola na África Ocidental, a UNICEF já fez chegar – sobretudo à Libéria, à Guiné e à Serra Leoa, os países que concentram a esmagadora maioria dos casos – quase mil toneladas de abastecimentos, incluindo roupa, equipamento médico, equipamentos profissionais, kits especiais para os cuidadores dos doentes e coberturas plásticas para as unidades de tratamento da doença. Mas a sensação, diz ao DN Laurent Duvillier, desta organização é que a resposta continua a ser lenta.

“O ébola está a correr mais depressa do que nós. Temos a sensação de que estamos sempre um passo atrás”, admite. “O número de casos tem vindo a crescer de forma exponencial, não gradualmente. Não podemos esperar um ano para resolver este problema.”

Recentemente, os países da ONU aprovaram um plano de 200 milhões de euros para o combate à doença em África. Mas a realidade não é esta: “Recebemos cerca de um terço, três semanas depois. E isto diz-nos que, se temos um terço dos recursos necessários, não

temos os meios para fazer tudo o que é preciso. As necessidades são imediatas”, alerta.

Para Duvillier, os países desenvolvidos têm dedicado mais atenção à própria exposição à doença do que aos países onde esta fez milhares de vítimas continua a progredir: “A verdadeira luta contra o ébola está a ter lugar aqui em África. Não é em Espanha, nos Estados Unidos ou no Japão. Se as organizações não tiverem recursos para o derrotar aqui, as hipóteses de o ébola não se manter uma ameaça são muito baixas.” P.S.T.



Ajudar as crianças tem sido um desafio para a UNICEF. Na imagem, crianças aprendem a lavar as mãos corretamente